

A LONGA
E SOMBRIA
HORA DO CHÁ
DA ALMA



SEGUNDO LIVRO DA
SÉRIE Dirk Gently

DOUGLAS
ADAMS



Para Jane

capítulo 1

Não deve ser por acaso que nenhuma língua do planeta tenha criado a expressão “tão belo quanto um aeroporto”.

Aeroportos são feios. Alguns, muito feios. Outros atingem um nível de feiura que só pode ser resultado de um esforço consciente. Como estão cheios de pessoas cansadas, mal-humoradas e que acabaram de descobrir que suas malas foram parar em Murmansk (o aeroporto de Murmansk é a única exceção conhecida a essa regra no geral infalível), arquitetos de todo o mundo buscaram refletir isso em seus projetos.

Quiseram destacar o ar de cansaço e mau humor com formas agressivas e cores enervantes, para que seja mais fácil separar para sempre o viajante de sua bagagem ou dos entes queridos; confundi-lo com setas que parecem apontar para janelas, lojas de gravatas distantes ou para a atual posição da Ursa Menor; e sempre que possível expor as instalações hidráulicas, para indicar que estão funcionando, e ocultar a localização dos portões de embarque, supostamente para indicar o contrário.

Perdida em um mar de luzes ofuscantes e poluição sonora, Kate Schechter estava em dúvida.

Essa mesma dúvida a atormentara durante todo o caminho do centro de Londres até o aeroporto de Heathrow. Ela não era uma pessoa supersticiosa, nem mesmo religiosa, mas apenas alguém que não tinha certeza se deveria ou não pegar um voo para a Noruega. Ainda assim, era fácil acreditar que Deus – supondo que Ele existisse e que fosse remotamente possível que qualquer ser divino capaz de determinar a disposição das partículas durante a criação do Uni-

verso também estivesse interessado em controlar o tráfego na rodovia – não queria que ela viajasse para a Noruega. Todos os problemas que tivera com as passagens, para encontrar alguém disposto a cuidar da gata, depois para encontrar a gata para que a vizinha cuidasse dela, então a infiltração repentina no teto, a perda da carteira, o clima, a morte inesperada da vizinha, a gravidez da gata... Tudo parecia um complô que começara a assumir proporções divinas.

Até mesmo o motorista do táxi – quando ela enfim conseguira pegar um – tinha dito:

– Noruega? O que leva alguém a viajar para a Noruega?

Como ela não respondera imediatamente “a aurora boreal!” ou “os fiordes!”, fazendo cara de dúvida e mordendo o lábio, o taxista continuara:

– Aposto que tem algum homem nessa história arrastando você para lá. Quer um conselho? Mande o sujeito pastar. Vá para Tenerife.

Era uma ideia.

Ir para Tenerife.

Ou mesmo para casa, ousara pensar por um segundo fugaz.

Olhando em silêncio pela janela do táxi para o engarrafamento caótico, pensou que, por mais frio que estivesse ali, não era nada se comparado ao frio da Noruega.

Ou ao da sua própria cidade, que estaria tão cercada de gelo quanto a Noruega naquele momento, com gêiseres de vapor nas calçadas pairando no ar gélido e, então, se dissipando entre as escarpas glaciais da Sixth Avenue.

Bastaria uma breve consulta ao itinerário que Kate havia percorrido ao longo dos seus trinta anos para notar que ela, sem dúvida, era uma típica nova-iorquina: passara a maior parte da vida longe da cidade, embora tivesse morado lá certo tempo. Los Angeles, São Francisco, Europa e um período vagando sem rumo pela América do Sul cinco anos antes, depois que Luke, o homem com quem tinha se casado havia pouco tempo, morrera em um acidente enquanto chamava um táxi em Nova York.

Ela gostava de pensar que Nova York era sua cidade e que sentia falta de lá, mas na verdade a única coisa de que realmente tinha sau-

dades era da pizza. E não de qualquer uma, apenas daquelas que eram entregues em casa. Essa era a genuína. Pizzas que obrigavam você a sair, sentar-se a uma mesa e ficar olhando guardanapos vermelhos não eram de verdade, por mais pepperoni e anchovas que colocassem nelas.

Londres era o seu lugar preferido para morar, exceto, é claro, pelo problema das pizzas, que a levava à loucura. Por que ninguém entregava pizza em casa? Como ninguém conseguia entender que parte essencial da natureza da pizza era que ela fosse entregue à sua porta em uma caixa de papelão ainda quente, para que você a tirasse do papel que absorve a gordura e a comesse em fatias dobradas enquanto via TV? O que havia de tão errado naqueles ingleses arrogantes e preguiçosos para não entenderem esse simples princípio? Por algum estranho motivo, essa era a única frustração que Kate nunca havia aprendido a simplesmente aceitar e deixar para lá, e pelo menos uma vez por mês ficava muito deprimida, pegava o telefone e pedia a maior e mais extravagante pizza do cardápio (uma pizza com pizza extra em cima, basicamente) e então, com toda a delicadeza, perguntava se eles podiam entregar.

– Se podemos o quê?

– Entregar. Vou lhe dar o endereço.

– Não entendi. A senhora vai vir buscar?

– Não. Vocês não fazem entrega? Meu endereço é...

– Ahn... nós não fazemos isso, senhora.

– Não fazem o quê?

– Ahn, entregas...

– Vocês *não fazem entregas*? É isso que você disse...?

A conversa então descambava para uma briga feia que a deixava exausta e trêmula, mas se sentindo muito, muito melhor na manhã seguinte. Em todos os outros aspectos, Kate era uma das pessoas mais dóceis que você poderia conhecer.

Mas aquele dia estava testando seus limites.

Pegara um terrível engarrafamento na autoestrada. Quando as luzes azuis que piscavam ao longe deixaram claro que o motivo tinha sido uma batida mais à frente, Kate havia ficado ainda mais tensa, olhando pela janela oposta até o táxi enfim passar pelo acidente.

Ao chegarem ao destino, o taxista se irritou porque ela não tinha o dinheiro exato e foi somente depois de muito cavoucar nos bolsos da calça apertada que ele conseguiu encontrar o troco. O céu estava carregado e já se ouviam trovoadas, e agora, parada no meio da área de check-in do Terminal 2 do Heathrow, ela não conseguia encontrar o balcão do seu voo para Oslo.

Permaneceu imóvel por alguns instantes, respirando fundo, tentando se acalmar e não pensar em Jean-Philippe.

Ele era, como adivinhara o taxista, o motivo da viagem para a Noruega, mas também a razão de Kate estar convencida de que esse país não era de forma alguma um bom lugar para ela. Pensar em Jean-Philippe fazia sua cabeça girar, então parecia melhor não pensar nele e simplesmente ir para a Noruega como se já estivesse indo para lá de qualquer maneira. Assim, Kate ficaria muito surpresa ao topar com Jean-Philippe em qualquer que fosse o hotel cujo endereço ele anotara no cartão enfiado no bolso lateral da bolsa dela.

Na verdade, ficaria surpresa ao encontrá-lo ali. Era muito mais provável que se deparasse com uma mensagem dizendo que ele fora chamado de repente para a Guatemala, Seul ou Tenerife e que telefonaria para Kate de lá. Jean-Philippe era a pessoa mais ausente que ela já havia conhecido. Nesse sentido, ele era o ápice de uma série de casos amorosos semelhantes. Desde que perdera Luke para o grande Chevrolet amarelo, Kate desenvolvera uma estranha dependência dos sentimentos um tanto vagos despertados por uma sucessão de homens egocêntricos.

Ela tentou afastar tudo isso da mente, chegando até a fechar os olhos por alguns segundos. Desejou que, quando os abrisse, houvesse uma placa à sua frente com os dizeres “Não seja cega, vá para a Noruega”, que ela seguiria sem nunca mais precisar pensar no assunto ou em qualquer outra coisa. Era assim que supostamente começavam as religiões, refletiu Kate, retomando sua linha de raciocínio anterior, e devia ser por esse motivo que tantas seitas zanzavam pelos aeroportos em busca de novos fiéis, pois sabiam que ali as pessoas estavam em seu momento mais vulnerável e perplexo, dispostas a aceitar qualquer tipo de orientação.

Kate abriu os olhos e, naturalmente, ficou desapontada. Mas, logo em seguida, houve uma brecha momentânea em meio ao grande fluxo de alemães emburrados com inexplicáveis camisas polo amarelas que passava por ali, oferecendo-lhe um vislumbre do balcão de check-in para Oslo. Jogando seu porta-vestidos por sobre o ombro, ela se encaminhou para lá.

Havia apenas uma pessoa à sua frente na fila para o balcão, mas, ao que parecia, estava tendo, ou criando, problemas.

Era um homem grande, com um porte impressionante, mas também definitivamente estranho, e Kate não sabia como lidar com ele. Na verdade, ela não saberia nem dizer o que havia de estranho nele, apenas sentiu-se inclinada a não incluí-lo na lista de coisas em que precisava pensar no momento. Lembrou-se de ter lido em uma matéria que a unidade central de processamento do cérebro humano tinha apenas sete registros de memória, logo, se você mantivesse sete assuntos na mente ao mesmo tempo e então pensasse em outro, um antigo seria descartado de imediato.

Kate pensou em várias coisas sucessivamente: nas chances de perder o voo; em como aquele dia estava sendo bastante azarado, se é que não se tratava de exagero da parte dela; nos funcionários da companhia aérea, que são de uma grosseria incrível, mesmo mantendo um sorriso simpático no rosto; nas free-shops que poderiam cobrar preços muito mais baixos do que as lojas comuns mas, não se sabia por quê, não faziam isso; numa matéria sobre aeroportos que poderia escrever para uma revista que, talvez, ajudasse a pagar por aquela viagem; na possibilidade de o porta-vestidos machucá-la menos se ela o colocasse no outro ombro; e por fim, completamente a contragosto, em Jean-Philippe, que por si só contava como um conjunto completo de no mínimo sete sub-tópicos.

O homem que discutia à sua frente foi expulso da mente de Kate no mesmo instante.

Só o anúncio no alto-falante da última chamada para o seu voo a Oslo foi capaz de forçar sua atenção de volta à situação em que se encontrava.

O homem corpulento estava criando problemas porque o assento que fora reservado para ele não era de primeira classe. Logo se descobriu o motivo: ele na verdade não tinha uma passagem para a primeira classe.

O ânimo de Kate se enroscou em posição fetal no fundo do seu peito e ficou ali, grunhindo baixinho.

Então, revelou-se também que o homem na frente dela não tinha passagem alguma, e a discussão passou a variar de forma aleatória e raivosa entre tópicos, tais como a aparência física da atendente no balcão de check-in; suas qualidades pessoais; teorias sobre seus antepassados; especulações sobre o que o futuro poderia reservar para ela e a companhia aérea para qual trabalhava; e finalmente, por puro acaso, o auspicioso tema do cartão de crédito do homem.

Ele não tinha cartão nenhum.

Mais bate-boca, dessa vez devido ao fato de a companhia aérea não aceitar cheques.

Kate lançou um longo olhar assassino para o seu relógio.

– Com licença – interveio ela. – Isso ainda vai demorar muito? Preciso pegar o avião para Oslo.

– Estou resolvendo o problema deste senhor aqui – disse a garota.
– Só um segundo que eu já falo com a senhora.

Kate assentiu, deixando educadamente que um segundo se passasse.

– É só que o voo já está partindo – continuou. – Tenho apenas uma mala, trouxe minha passagem, estou com o lugar reservado. Vai levar em torno de trinta segundos. Detesto interromper, mas detestaria ainda mais perder meu voo por causa de trinta segundos. E estou falando de trinta segundos de verdade, não de trinta segundos do tipo “só um segundo”, que poderiam nos prender aqui a noite inteira.

A atendente voltou todo o brilho do seu gloss para Kate, mas, antes que ela pudesse falar, o homem se virou e o efeito do seu rosto foi um tanto desconcertante.

– Eu também quero ir para Oslo – disse ele em uma voz nórdica lenta e irritada.

Kate o encarou. Ele parecia totalmente deslocado no aeroporto; ou melhor, o aeroporto parecia totalmente deslocado ao redor dele.

– Bem – falou ela –, pela maneira como estamos presos aqui, parece que nenhum de nós dois vai conseguir. Será que não podemos resolver isso? Qual é o impasse?

A atendente abriu seu sorriso simpático e morto e respondeu:

– A companhia aérea não aceita cheques, é uma política da empresa.

– Ora, mas eu aceito – retrucou Kate, batendo seu próprio cartão de crédito sobre o balcão. – Pague a passagem deste senhor com este cartão e eu aceitarei um cheque dele. Combinado? – acrescentou ela para o homenzarrão, que a encarava com uma expressão vagarosa de surpresa.

Os olhos dele eram grandes, azuis, davam a impressão de já terem visto um monte de geleiras ao longo da vida. Pareciam extraordinariamente arrogantes e também perplexos.

– Combinado? – repetiu ela com firmeza. – Meu nome é Kate Schechter. Dois C, dois H, dois E e também um T, um R e um S. Desde que estejam todas as letras aí, o banco não vai criar caso quanto à ordem em que apareçam. Eles mesmos nunca sabem direito.

Muito lentamente, o homem inclinou um pouco a cabeça para ela em uma abrutalhada medida de agradecimento. Ele lhe agradeceu por sua gentileza, cortesia e alguma palavra em norueguês que Kate não entendeu. Disse que fazia muito tempo que não via algo parecido, que ela era uma mulher valorosa, algum outro termo norueguês, e então que lhe devia um favor. Por fim, depois de uma pausa, acrescentou que não tinha um talão de cheques.

– Tudo bem! – exclamou Kate, decidida a não se deixar abalar.

Ela pegou uma caneta no balcão, escreveu algo num pedaço de papel que tirou da bolsa e o entregou para o homem.

– Este é o meu endereço; me envie o dinheiro. Penhore seu casaco de pele se for necessário. Apenas envie o dinheiro para mim, ok? Por incrível que pareça, vou confiar em você.

O homenzarrão pegou o papel, leu as poucas palavras com muita lentidão, dobrou-o com todo o cuidado e guardou-o no bolso do casaco. Em seguida, tornou a fazer uma ligeira medida para ela.

Kate percebeu de repente que a garota do check-in estava aguardando em silêncio por sua caneta para preencher o formulário do cartão de crédito. Kate a devolveu com irritação, entregou-lhe sua própria passagem e se obrigou a assumir uma postura de calma gélida.

Os alto-falantes anunciaram a partida do voo deles.

– Posso ver seus passaportes, por gentileza? – pediu a garota sem a menor pressa.

Kate lhe entregou o dela, mas o homenzarrão confessou que não tinha um passaporte.

– Você *o quê?* – exclamou Kate.

A atendente ficou imóvel, fitando um ponto qualquer do balcão, esperando que alguém agisse. Aquilo não era problema dela.

O homem repetiu, furioso, que não tinha um passaporte. Gritou e esmurrou o balcão com tanta força que ele ficou ligeiramente amassado.

Kate pegou sua passagem, seu passaporte e seu cartão de crédito, tornando a jogar o porta-vestidos por sobre o ombro.

– Essa é a minha deixa – falou, afastando-se.

Sentia que fizera todos os esforços humanamente possíveis para pegar seu voo, mas não era para ser. Deixaria uma mensagem para Jean-Philippe avisando que não iria encontrá-lo, e ele também afirmaria que não poderia vê-la. Ao menos dessa vez os dois estariam ausentes.

Por enquanto, iria apenas esfriar a cabeça. Primeiro compraria um jornal, depois um café. Apesar de ter seguido as placas corretas, não conseguiu encontrar nenhum dos dois. Em seguida, foi incapaz de achar um telefone que funcionasse e resolveu desistir de vez do aeroporto. Apenas saía, disse a si mesma, chame um táxi e volte para casa.

Ela refez o caminho de volta pela área de check-in e, logo antes de chegar à saída, por acaso olhou de volta para o balcão que a havia derrotado – bem a tempo de vê-lo ser lançado para o teto, engolido por uma bola de fogo laranja.

Caída sob uma pilha de escombros, em agonia, mergulhada na escuridão e sufocada pela poeira, tentando sentir os membros, enfim Kate ficou aliviada ao constatar que não tinha sido exagero seu: aquele de fato não era um dia bom. Enquanto pensava nisso, desmaiou.

capítulo 2

As pessoas de sempre tentaram assumir a responsabilidade. Primeiro o IRA, depois a OLP e a empresa fornecedora de gás. Até a companhia estatal de combustíveis nucleares se apressou a emitir um comunicado afirmando que a situação estava totalmente sob controle, que o risco era de um em um milhão, que mal havia vazamento de material radioativo e que o local da explosão daria um ótimo lugar para passear com as crianças ou fazer um piquenique, antes de finalmente ser obrigada a admitir que aquilo não tinha nada a ver com ela.

Não foi descoberta nenhuma causa para a explosão.

Parecia ter ocorrido espontaneamente, por vontade própria. Explicações foram apresentadas, mas a maioria delas consistia em frases que reafirmavam o problema com palavras diferentes, dentro do mesmo princípio que trouxera ao mundo a expressão “fadiga dos metais”. Na verdade, uma expressão muito semelhante foi cunhada para justificar a transição súbita de madeiras, metais, plásticos e concreto para uma condição explosiva: “exasperação estrutural catastrófica não linear”. Em outras palavras – numa declaração de um jovem ministro na TV na noite seguinte, que assombraria o político pelo resto da sua carreira –, o balcão de check-in simplesmente “ficou de saco cheio de estar no lugar onde estava”.

Como em todas as catástrofes do gênero, o cálculo estimado de vítimas variou bastante. Começou em 47 mortos e 89 com ferimentos graves, subiu para 63 mortos e 130 feridos e, por fim, elevou-se até 117 mortos antes de os números serem revisados e baixados novamente. Depois que todas as pessoas foram identificadas, as estatísticas finais revelaram que ninguém tinha morrido. Algumas poucas vítimas estavam hospitalizadas devido a cortes, escoriações e graus diversos de traumatismo, mas isso era tudo, a não ser que alguém soubesse de uma pessoa que estivesse de fato desaparecida.

Esse era outro aspecto inexplicável da situação. A força da explosão havia sido suficiente para reduzir grande parte da frente do Terminal 2 a escombros, mas todos no edifício tiveram muita sorte, ou foram protegidos da queda de um pedaço de alvenaria por outro, ou então o impacto tinha sido absorvido por suas bagagens. No fim das contas, pouquíssimas malas sobreviveram à tragédia. Muitos questionamentos surgiram no Parlamento, mas nenhum deles era muito interessante.

Kate Schechter ficou alguns dias alheia a tudo isso, ou a qualquer coisa que estivesse acontecendo no seu exterior.

Ela passou esse tempo todo em um mundo particular, no qual estava cercada até onde sua vista alcançava por baús cheios de memórias que ela vasculhava com grande curiosidade e, às vezes, espanto. Ou melhor, pelo menos dez por cento dos baús estavam repletos de lembranças vívidas, e muitas vezes dolorosas ou desconfortáveis, de sua vida passada; nos outros noventa por cento, para sua surpresa, só havia pinguins. À medida que se dava conta de que aquilo não passava de um sonho, percebeu que estava explorando seu inconsciente. Ouvira dizer que os humanos usam apenas cerca de dez por cento do cérebro, e que ninguém sabia ao certo para que servia todo o restante, mas sem dúvida ninguém aventara a hipótese de ser usado para armazenar pinguins.

Pouco a pouco, os baús, as lembranças e os pinguins começaram a ficar indistintos, brancos e turvos, então semelhantes a paredes brancas e turvas, até se tornarem paredes que eram apenas brancas, ou melhor, amareladas, de um branco-sujo, esverdeado, e que confinavam Kate em um quarto pequeno.

O cômodo estava na penumbra. Um abajur se encontrava aceso, mas fora ajustado para irradiar uma luz fraca. O brilho de um poste na rua entrava pelas cortinas cinzentas, formando padrões amarelados na parede oposta. Vagamente, Kate tomou consciência do vulto do próprio corpo deitado debaixo do lençol branco e do cobertor bem estendido. Ficou olhando para si mesma por alguns instantes, aflita, conferindo se estava tudo no lugar antes de se arriscar a mexer alguma parte. Testou a mão direita, que lhe pareceu normal. Um pouco dura e dolorida, mas

todos os dedos reagiram e tudo parecia ter o comprimento e a grossura corretos, além de dobrar nos lugares e direções adequados.

Experimentou um momento de pânico quando não conseguiu localizar de imediato sua mão esquerda, mas então a encontrou pousada sobre a barriga, incomodando-a de uma maneira estranha. Precisou se concentrar por alguns segundos para organizar uma série de emoções perturbadoras e perceber que havia uma agulha presa ao seu braço por um curativo. Isso a abalou bastante. Um tubo transparente, longo e fino serpenteava, emitindo um brilho amarelado por conta da luz do poste, e pendia em uma ligeira espiral de uma bolsa plástica pendurada em um suporte alto de metal. Kate foi tomada momentaneamente pelo medo ao se ver diante daquele aparato, mas, em meio à penumbra, conseguiu decifrar as palavras “solução de glicose a 5%” escritas na bolsa. Obrigou-se a se acalmar e ficou imóvel na cama por alguns instantes antes de dar continuidade a sua investigação.

O tórax parecia intacto. Dolorido e sensível, sim, mas nada acentuado que sugerisse fraturas. O quadril e as coxas doíam e estavam rígidos, mas tampouco exibiam ferimentos graves. Flexionou os músculos da perna direita e depois os da esquerda. Estava quase certa de que torcera o tornozelo esquerdo.

Em outras palavras, pensou Kate, estava tudo perfeitamente bem com ela. Então o que fazia naquele lugar que, a julgar pelo tom insalubre da tinta nas paredes, era um hospital?

Sentou-se na cama, impaciente, e no mesmo instante se viu outra vez na companhia dos pinguins por alguns divertidos minutos.

Quando recobrou a consciência, foi um pouco mais cuidadosa e ficou sossegada na cama, sentindo-se um tanto enjoada.

Revirou com cuidado suas lembranças do ocorrido. Era tudo obscuro e indistinto, e voltava a ela em ondas nauseantes e oleosas, como o mar do Norte. Destroços protuberantes saltavam da massa nebulosa e se juntavam lentamente, formando um aeroporto irritante, que lhe dava dor de cabeça. No meio dele, pulsando como uma enxaqueca, estava a memória de uma explosão de luz rodopiante.

De repente, ficou muito claro para ela que a área de check-in do Terminal 2 do aeroporto de Heathrow tinha sido atingida por um

meteorito. Recortado contra o clarão, estava o vulto do casaco de pele do homenzarrão, que devia ter absorvido todo o impacto da catástrofe, sendo reduzido instantaneamente a uma nuvem de átomos enfim livres para irem aonde bem entendessem. A ideia provocou um tremor profundo e terrível em seu corpo. Por mais enervante e arrogante que ele tivesse sido, Kate simpatizara com o homem. Havia uma estranha nobreza em sua teimosia perversa. Ou talvez, percebeu, ela gostasse de pensar que era nobre porque isso a relacionava às suas próprias tentativas de pedir pizza em um mundo alienígena, hostil e sem entregas. Criar caso diante das mais triviais inevitabilidades da vida podia até ser chamado de nobreza, mas havia outras palavras para isso.

Kate sentiu uma onda repentina de medo e solidão, mas que passou logo; em questão de instantes, sentia-se muito mais calma, relaxada e com vontade de ir ao banheiro.

Segundo seu relógio, mal passavam das três da tarde, mas, de acordo com todo o resto, era noite. Ela deveria chamar uma enfermeira e informar ao mundo que tinha recobrado a consciência. Por uma janela na parede lateral do quarto, podia ver um corredor mal iluminado com uma maca e um cilindro de oxigênio preto e alto, mas nada além disso. O silêncio dominava.

Correndo os olhos pelo quarto, viu duas cadeiras de aço e vinil à espreita nas sombras e um armário e um criado-mudo brancos de madeira compensada. A mesinha ostentava uma pequena fruteira com uma banana solitária. Do outro lado da cama, encontrava-se o suporte para o soro. Uma placa de metal estava afixada à parede desse lado, contendo dois botões pretos e fones de ouvido antigos de baquelita. Um fio conectado a uma campainha se enroscava no pilar lateral da cabeceira da cama. Kate chegou a segurá-lo, mas decidiu não puxá-lo.

Ela estava bem. Podia andar sozinha.

Lentamente, um pouco zonza, apoiou-se nos cotovelos, deslizou as pernas para fora das cobertas e pousou os pés no chão, que estava frio. Percebeu quase no mesmo instante que não deveria fazer isso, pois todas as partes dos seus pés lhe enviavam sinais de alerta que descreviam nos mínimos detalhes a sensação de tocar cada centíme-

tro do chão, como se ele fosse uma coisa estranha e preocupante com a qual jamais tivessem se deparado. Mesmo assim, ela ficou sentada na beirada da cama e obrigou seus pés a aceitarem o chão; era algo com que simplesmente teriam que se acostumar.

O hospital colocara nela uma roupa larga e listrada que lembrava um saco. Após se olhar com mais atenção, decidiu que, na verdade, se tratava de um saco, de algodão, com listras azuis e brancas e aberto nas costas, deixando entrar a brisa noturna gelada. Mangas largas inúteis iam até a metade dos braços. Moveu-os sob a luz, avaliando a pele, esfregando-a e beliscando-a, especialmente ao redor do curativo que mantinha a agulha presa. Em geral, seus braços eram flexíveis e sua pele, firme e suave. Naquela noite, entretanto, mais pareciam pedaços de frango. Passou alguns instantes alisando os antebraços com a mão sem o soro, então tornou a erguer a cabeça, determinada.

Agarrou o suporte da bolsa. Como ele oscilava um pouco menos do que ela, Kate conseguiu usá-lo para se levantar devagar. Ficou parada ali, trêmula. Passados alguns segundos, afastou o suporte, segurando-o à distância de um braço dobrado, como um pastor com seu cajado.

Não tinha conseguido ir para a Noruega, mas pelo menos estava de pé.

O suporte do soro saiu deslizando com as quatro rodinhas independentes e travessas, que se comportavam como quatro crianças aos berros em um supermercado, mas, ainda assim, Kate conseguiu conduzi-lo até a saída à sua frente. Andar aumentava sua tontura, mas também sua determinação de não ceder a ela. Chegou à porta, abriu-a e, empurrando o suporte para fora, contemplou o corredor.

À sua esquerda, portas vaivém com janelas circulares, que pareciam levar a uma área mais ampla, uma enfermaria aberta, talvez. À sua direita, uma série de portas menores ao longo do corredor, que seguia adiante por alguns metros até fazer uma curva abrupta. Uma dessas entradas devia ser a do banheiro. Mas e as outras? Bem, ela só saberia se procurasse pelo banheiro.

As duas primeiras eram armários. A terceira dava num recinto um pouco maior contendo uma cadeira e, provavelmente, era considerado um cômodo, já que a maioria das pessoas não gosta de sentar

dentro de armários, nem mesmo enfermeiras, que precisam fazer um monte de coisas que a maioria das pessoas detestaria fazer. Havia também uma pilha de copos de isopor, um monte de creme para café semicongelado e uma cafeteira muito antiga, tudo em cima de uma mesinha, ensopando tristemente um exemplar do jornal *Evening Standard*.

Kate pegou o papel escurecido e úmido para tentar reconstituir parte dos dias que havia perdido. No entanto, como sua tontura dificultava a leitura (além disso, o fato de as páginas do jornal estarem grudadas e empapadas não ajudava), tudo que ela conseguiu compreender foi que não se sabia ao certo o que acontecera. Parecia que ninguém ficara gravemente ferido, mas a funcionária de uma das companhias aéreas continuava desaparecida. A classificação oficial do incidente era catástrofe natural ou “ato divino”.

Boa, Deus, pensou Kate.

Ela largou o que restava do jornal e saiu, fechando a porta.

A próxima que experimentou conduzia a outro quarto pequeno como o seu. Nele também havia um criado-mudo com uma banana solitária em uma fruteira.

A cama estava ocupada. Ela puxou a maçaneta de volta depressa, mas não o suficiente. Algo estranho tinha chamado sua atenção, porém não conseguia dizer o quê. Ficou parada ali com a porta entreaberta, fitando o chão, sabendo que não deveria olhar de novo, mas com a certeza de que acabaria por olhar mesmo assim.

Com cautela, tornou a abrir a porta.

O cômodo estava frio, na penumbra. A temperatura não lhe dava um bom pressentimento em relação ao ocupante. Ela se pôs a ouvir. O silêncio também não lhe parecia nada bom. Não soava como um sono profundo saudável, mas como um silêncio que continha nada além de um barulho de trânsito distante.

Hesitou durante um bom tempo, sua silhueta destacada pela luz no umbral, observando e ouvindo. Ponderou sobre o vulto do enfermo e se ele estava sentindo frio com apenas aquele cobertor fino para aquecê-lo. Ao lado da cama, havia uma pequena cadeira de aço e vinil soterrada por um casaco de pele enorme e pesado. Kate pen-

sou que seria melhor se ele estivesse estendido sobre a cama e seu gélido ocupante.

Por fim, andando da forma mais suave e cautelosa possível, atravessou o quarto até a cama. Deteve-se, encarando o grande homem nórdico. Apesar de estar com os olhos fechados, ele franzia um pouco a testa, como se algo ainda o preocupasse bastante. Essa imagem deixou Kate infinitamente triste. Em vida, o homem tivera o ar de alguém atormentado por dificuldades gigantescas, embora um tanto insondáveis, e o fato de ter encontrado coisas além dessa vida que também o aborreciam era lamentável.

Kate ficou pasma ao notar seu corpo ileso. A pele não exibia um só arranhão. Era áspera e saudável – ou, pelo menos, estivera saudável até muito recentemente. Uma análise mais atenta revelou uma trama de rugas finas que sugeriam que ele não tinha apenas 30 e poucos anos, como Kate imaginara. Talvez até fosse um homem à beira dos 50 anos, saudável e em ótima forma.

Ao lado da porta havia algo inusitado: uma grande máquina de Coca-Cola. Não parecia ter sido instalada ali, pois não estava ligada na tomada e trazia um pequeno adesivo informando estar temporariamente fora de serviço. Passava a impressão de ter sido largada ali sem querer por alguém que agora zanzava pelo hospital perguntando-se em que quarto a havia deixado. Seu painel vermelho com desenhos brancos ondulantes lançava seu olhar vidrado para o cômodo sem oferecer explicações. A única coisa que a máquina comunicava para o mundo exterior era que havia uma fenda onde moedas de diversos valores poderiam ser inseridas, bem como uma abertura pela qual variadas latas poderiam ser entregues se o aparelho estivesse funcionando. Via-se também uma marreta de aparência antiga recostada no equipamento, o que por si só já era estranho.

Kate sentiu o início de uma tonteira, e o quarto começou a rodopiar um pouco, os baús em sua mente se agitando de forma ruidosa.

Então ela percebeu que o barulho não era apenas fruto da sua imaginação. Um som perceptível reverberava pelo quarto: parecia vir de algo pesado batendo e raspando, como um farfalhar abafado. Ele os-

cilava de acordo com o vento, mas em seu estado de confusão e vertigem, a princípio Kate não soube definir sua origem. Foi então que seu olhar pousou nas cortinas. Encarou-as com o rosto franzido, como um bêbado tentando entender por que a porta estava dançando. Kate se encaminhou com passos incertos até elas e as abriu. Uma água enorme com círculos desenhados nas asas se debatia contra a janela, fitando o interior do quarto com enormes olhos amarelos, bicando alucinadamente o vidro.

Kate cambaleou para trás, virou-se e tentou sair do quarto. No fim do corredor, as portas com janelas circulares se abriram e dois vultos as atravessaram. Mãos vieram em sua direção enquanto ela se enredava no suporte do soro e começava a girar devagar rumo ao chão.

Quando a deitaram de volta na cama, Kate já estava inconsciente. Meia hora depois, continuava assim. Uma figura perturbadoramente baixa vestindo um jaleco branco preocupantemente longo apareceu, retirou o homenzarrão em uma maca de rodinhas e retornou após alguns minutos para buscar a máquina de Coca-Cola.

Kate acordou horas depois com um sol invernal entrando pela janela. O dia parecia muito tranquilo e comum, mas ela ainda tremia.

capítulo 3

Mais tarde, o mesmo sol atravessou as janelas do andar de cima de uma casa no norte de Londres, atingindo um homem que dormia em paz.

O quarto em que ele estava era amplo e desarrumado e não se beneficiou muito dessa invasão de luz repentina. O sol se arrastou devagar pelos lençóis e cobertores, como se temesse o que poderia encontrar entre eles, esgueirou-se pela lateral da cama, passou um

tanto espantado por alguns objetos espalhados pelo chão, brincou agitadamente com algumas partículas de poeira, iluminou por uns instantes um morcego empalhado pendurado no canto do quarto e fugiu.

Essa aparição era o máximo que o sol se dignava a fazer ali, e durou cerca de uma hora. Durante todo esse tempo, a figura adormecida mal se mexeu.

Às onze da manhã, o telefone tocou e o homem não se mexeu, da mesma forma que não reagira aos toques às vinte e cinco para as sete, às vinte para as sete, às dez para as sete e depois por mais dez minutos consecutivos a partir das cinco para as sete, caindo em seguida em um longo e significativo silêncio, abalado apenas pelo uivo das sirenes de polícia em uma rua vizinha por volta das nove, pela entrega de uma grande espineta de teclado duplo do século XVIII por volta das nove e quinze e pela coleta do instrumento por oficiais de justiça pouco após as dez. Isso não era nada incomum: as pessoas interessadas estavam habituadas a encontrar a chave debaixo do capacho, e o homem na cama costumava dormir durante o processo. Você provavelmente não diria que ele dormia o sono dos justos, mas era justo o sono de alguém que não estava para brincadeira quando se enfiara debaixo das cobertas na noite anterior e apagara a luz.

O quarto não era do tipo que elevava a alma. Luís XIV – um exemplo aleatório – não teria gostado dele: o acharia pouco ensolarado e sem o número suficiente de espelhos. Teria ordenado que alguém apanhasse as meias do chão, guardasse os discos no lugar e talvez tacasse fogo em tudo. Michelangelo ficaria incomodado com as proporções do recinto, que não eram sublimes e tampouco possuíam qualquer tipo de harmonia ou simetria internas, apesar de todas as partes do cômodo estarem igualmente entulhadas de canecas de café velho, sapatos e cinzeiros transbordando, sendo que muitos desses objetos agora partilhavam funções. As paredes eram pintadas quase no mesmo tom de verde; se o renascentista Rafael fosse obrigado a usar essa cor em suas pinturas, preferiria arrancar a mão direita com os próprios dentes. Hércules, por sua vez, se visse o quarto, provavel-

mente sairia dali para voltar meia hora depois trazendo um rio inteiro para limpar aquela imundície. Ou seja, era uma pocilga, e com certeza continuaria assim enquanto estivesse sob o poder do Sr. Svlad “Dirk” Gently, nascido com o sobrenome Cjelli.

Por fim, Gently se mexeu.

Os lençóis e os cobertores estavam bem enrolados em volta da sua cabeça, mas, de algum lugar na metade da cama, uma mão surgiu devagar, tateando o chão. Habituada ao trajeto, contornou sem problemas uma tigela de algo muito nojento largada ali desde o dia da Aparição de São Miguel Arcanjo, até topar enfim com um maço pela metade de Gauloises sem filtro e uma caixa de fósforos. Os dedos pegaram um cigarro e a caixa e começaram a abrir caminho pelos lençóis enrolados no topo da cama, como um mágico puxando um lenço do qual pretende libertar um bando de pombas.

O cigarro foi enfim introduzido no orifício e aceso. Durante alguns instantes, a própria cama parecia fumar com tragadas profundas. Depois de um longo e ruidoso acesso de tosse, que sacudiu a cama inteira, seu ocupante começou a respirar de forma mais ritmada. E foi dessa maneira que Dirk Gently recobrou a consciência.

Ele ficou algum tempo deitado, esmagado por uma preocupação e uma culpa terríveis que lhe pesavam sobre os ombros. Desejou poder se esquecer daquilo, e teve sucesso imediatamente. Levantou-se da cama e, poucos minutos depois, estava descendo as escadas.

A correspondência sobre o capacho da entrada consistia no de sempre: uma carta grosseira ameaçando cancelar seu cartão American Express, outra oferecendo o mesmo cartão, e algumas contas altamente históricas e fora da realidade. Ele não conseguia entender por que insistiam em enviá-las. O simples custo de envio lhe parecia um bom dinheiro jogado no lixo. Balançou a cabeça, espantado com a malévola incompetência do mundo, jogou os envelopes fora, entrou na cozinha e se aproximou com cautela da geladeira.

Ela se encontrava no canto.

A cozinha era ampla e estava imersa em uma penumbra densa que a luz acesa não ajudou a reduzir, apenas lhe dando um tom amarelado. Dirk se agachou diante da geladeira e examinou com atenção a

beirada da porta. Encontrou o que procurava. Na verdade, encontrou mais do que procurava.

Quase no pé da porta, ao longo da fresta estreita que a separava do corpo da geladeira, junto à faixa cinza de borracha isolante, havia um fio de cabelo. Ele estava preso com saliva seca. O próprio Dirk o havia colocado ali três dias antes e conferido várias vezes se continuava no lugar. O que não esperava encontrar era um segundo fio.

Ele franziu a testa, alarmado. Um *segundo* fio?

Estava preso como o primeiro, só que perto do topo da geladeira. Mas não fora ele que o colocara ali. Dirk olhou mais de perto, chegando até a abrir as velhas persianas das janelas da cozinha para lançar um pouco mais de luz sobre a cena.

O sol entrou como uma tropa de policiais dando uma dura, algo que teria abalado qualquer um com alguma sensibilidade estética. Como a maioria dos cômodos na casa de Dirk, a cozinha era grande, ameaçadora e totalmente caótica. Ela desdenhava, com um risinho irônico, de qualquer pessoa que tentasse arrumá-la, afastando-a como se fosse a pequena pilha de moscas mortas que jaziam debaixo da janela, em cima de um monte de caixas de pizza velhas.

A luz revelou a verdadeira natureza do segundo fio de cabelo: grisalho na raiz e tingido com um tom forte de laranja metálico. Dirk crispou os lábios e se pôs a refletir sobre aquilo. Não precisou pensar muito para concluir a quem pertencia o fio – apenas uma pessoa cuja cabeça parecia ter sido usada para extrair óxidos de metal de lixo industrial entrava com frequência na cozinha –, mas ele se viu forçado a considerar seriamente as implicações da descoberta.

Isso significava que o conflito tácito entre ele e a faxineira havia chegado a um novo e assustador nível. Pelos cálculos de Dirk, agora fazia três meses que a porta da geladeira não era aberta, e ambos estavam determinados a não ser a primeira pessoa a abri-la. A geladeira já não estava apenas parada no canto da cozinha: ela se mantinha à espreita. Dirk se lembrava perfeitamente do dia em que essa mu-

dança ocorrera. Tinha sido cerca de uma semana antes, quando ele tentou usar um truque simples para enganar Elena – esse era o nome da velha louca, que ele gostava de pronunciar como “Elina”, para rimar com “faxina”, porém não apreciava mais isso – e fazê-la abrir a porta da geladeira. O subterfúgio fora contornado com astúcia e quase saíra pela culatra.

Ele recorrera à estratégia de ir à mercearia mais próxima e comprar alguns mantimentos. Nada fora do comum: leite, ovos, bacon, duas musses de chocolate e manteiga. Ele os deixara inocentemente em cima da geladeira como se dissesse: “Ah, quando tiver um tempinho, será que você poderia guardar essas compras na geladeira...?”

Quando voltou naquela noite, seu coração saltou no peito ao ver que os produtos já não estavam no mesmo lugar. Tinham desaparecido! Não apenas colocados de lado ou em uma prateleira, mas sumido de vista. Ela devia ter enfim capitulado, guardando-os. E sem dúvida teria limpado o eletrodoméstico depois de abri-lo. Pela primeira e única vez, seu coração se encheu de ternura e gratidão pela faxineira, e ele estava prestes a escancarar a porta em um gesto de alívio e triunfo quando seu oitavo sentido (da última vez que os contara, Dirk calculara que tivesse onze) o alertou para ter muito, muito cuidado e refletir primeiro se Elena de fato colocara os produtos desaparecidos na geladeira.

Uma dúvida inominável perturbava sua mente enquanto ele se aproximava em silêncio da lata de lixo debaixo da pia. Prendendo a respiração, abriu a tampa e olhou.

Ali, aninhados nas dobras do saco de lixo preto recém-trocado, jaziam os ovos, o bacon, as musses e a manteiga. Duas garrafas de vidro estavam lavadas e alinhadas ao lado da pia, onde seu conteúdo supostamente tinha sido despejado.

Ela se livrara do leite.

Em vez de abrir a porta da geladeira, Elena jogara a comida no lixo. Ele se virou lentamente para encarar aquele monólito branco, sujo e atarracado, e foi nesse exato instante que percebeu, sem sombra de dúvida, que a geladeira começara a espreitar de seu canto.

Preparou um café forte e se sentou, tremendo um pouco. Não tinha sequer olhado diretamente para a pia, mas sabia que, de forma inconsciente, devia ter notado as duas garrafas de leite limpas ali, o que alarmara alguma parte ativa da sua mente.

No dia seguinte, empenhou-se em justificar tudo aquilo para si mesmo. Ele estava ficando paranoico sem necessidade. Só podia ter sido um descuido inocente da faxineira. O mais provável é que estivesse distraída, preocupada com o ataque de bronquite, mau humor ou frescura de seu filho, ou seja lá o que a impedisse regularmente de aparecer para trabalhar ou de fazer alguma diferença caso aparecesse. Outra hipótese era que, por ser italiana, tivesse confundido sua comida com lixo.

Mas o detalhe do cabelo havia mudado tudo. Isso estabelecera que ela sabia muito bem o que estava fazendo. Não abriria aquela geladeira sob nenhuma hipótese, a não ser que Dirk a abrisse antes – e a recíproca era verdadeira.

Elena não vira o fio dele, pois a estratégia mais eficaz teria sido arrancá-lo dali, fazendo-o pensar que ela abrira a porta. Agora, Dirk deveria tirar o cabelo dela, na esperança de aplicar o mesmo golpe, mas sabia que isso não daria certo e que os dois estavam presos naquela espiral cada vez mais sufocante, que os levaria à loucura ou à perdição.

Imaginou se não seria melhor contratar alguém para abrir a geladeira.

Não. Ele não estava em condições de contratar ninguém para fazer nada. Havia três semanas, não tinha sequer condições de pagar Elena. Só não a mandara embora ainda porque demissões implicam acertar o que se deve à outra pessoa, algo que ele não tinha como fazer. Sua secretária enfim fora embora por conta própria para trabalhar em algum cargo condenável no ramo de turismo. Dirk tentara zombar do fato de ela ter preferido a monotonia de um contracheque à...

– A *garantia* de um contracheque – corrigira a secretária, com toda a calma do mundo.

– ... à realização profissional.

Ela quase dissera “no lugar de *quê?*”, mas percebera que, se fizesse isso, teria que ouvir a resposta dele, o que fatalmente a enfureceria a ponto de iniciar uma discussão. A secretária percebera pela primeira vez que a única maneira de escapar era não se deixar atrair para um desses embates. Era só não retrucar dessa vez e estaria livre para partir. Ela arriscara. Sentira uma liberdade repentina. Partira. Uma semana depois, ainda no mesmo estado de espírito, casou-se com um comissário de bordo chamado Smith.

Dirk derrubara a mesa da secretária com um chute, depois tivera que levanta-la sozinho, já que ela não retornara.

Ultimamente, o ramo de investigações particulares estava tão agitado quanto uma tumba. Ao que parecia, ninguém queria investigar nada. Para se manter, ele passara a ler mãos em sessões noturnas às quintas-feiras, mas não se sentia confortável fazendo esse trabalho. Até poderia ter suportado a humilhação odiosa e abjeta, afinal, já se habituara a ela em outras circunstâncias – além disso, estava bem disfarçado em sua pequena tenda no quintal dos fundos do pub. Mas Dirk não tolerou porque era absurdamente bom. Ele se odiava por causa disso. Fez de tudo ao seu alcance para enganar as pessoas, mentir para elas, ser ruim naquilo de forma intencional e cínica, porém, por mais que tentasse injetar falsidade em suas leituras, sempre fracassava e acabava por se mostrar certo.

O pior momento de todos foi o resultado da leitura de uma pobre mulher de Oxfordshire que o visitara certa noite. Sentindo-se um pouco maldoso, Dirk havia sugerido à mulher que ficasse de olho no marido, que, a julgar pela linha do matrimônio na mão dela, parecia ter certa tendência a sumir do mapa. O que ele não esperava era que seu marido fosse, na verdade, um piloto de caça e que seu avião tivesse desaparecido em um exercício sobre o mar do Norte apenas duas semanas antes.

Dirk ficou transtornado e procurou tranquilizá-la, sem sucesso. Disse que tinha certeza de que o marido voltaria para ela no momento adequado, que tudo ficaria bem, e assim por diante. A mulher respondeu, um tanto mordaz, que isso não lhe parecia muito provável, uma vez que o recorde mundial de sobrevivência no mar do

Norte era de menos de uma hora; portanto, como não havia sinal do marido fazia duas semanas, era um tanto fantasioso imaginar que ele não tivesse batido as botas. E ela estava tentando se habituar à ideia, muito obrigada.

Dirk então perdeu todo o controle e começou a delirar.

Falou que a leitura das mãos dela deixava muito claro que a grande quantia de dinheiro que a mulher receberia em breve não serviria de consolo para a perda do seu muito amado marido, mas que talvez ficasse mais tranquila ao saber que ele tinha partido para aquele grande não sei o quê no céu, que estava flutuando lá na mais macia e branca das nuvens, muito bonito com seu novo par de asas. Dirk se desculpou por dizer tanta bobagem, mas a mulher o havia pegado desprevenido. Por acaso ela gostaria de um chá, de uma vodka ou, talvez, de uma sopa?

A cliente recusou polidamente e revelou que tinha entrado na tenda por engano; estava, na verdade, procurando o banheiro. Mas o que ele comentara mesmo sobre dinheiro?

– Tolice minha – afirmou Dirk. Ele estava em maus lençóis, ainda mais tendo que manter aquele falsete o tempo todo. – Fui inventando à medida que falava. Por favor, aceite minhas mais sinceras desculpas por ter me intrometido de forma tão canhestra em seu luto e deixe-me acompanhá-la até, ahn, ou melhor, mostrar à senhora onde fica o... bem, o que diante das atuais circunstâncias só posso chamar de lavatório, que fica logo à esquerda ao sair da tenda.

Dirk se sentira arrasado com esse encontro, e então horrorizado poucos dias depois ao descobrir que, na manhã seguinte, a mulher recebera a informação de que havia ganhado 250 mil libras na loteria. Ele passou várias horas daquela noite em pé no telhado da sua casa, brandindo o punho contra o céu escuro e gritando “Pare com isso!”, até um vizinho reclamar com a polícia que não conseguia dormir. A polícia enviou uma viatura escandalosa que acabou acordando o restante da vizinhança.

Agora, Dirk estava sentado na cozinha, olhando desanimado para a geladeira. O entusiasmo obstinado de que geralmente dependia para tocar seu dia tinha sido sugado dele logo nas primeiras horas da

manhã por todo aquele imbróglio com o eletrodoméstico. Sua força de vontade estava tolhida, enredada por um único fio de cabelo.

O que precisava, concluiu Dirk, era de um cliente. Por favor, Deus, pensou, se existe algum deus, qualquer deus, traga um cliente para mim. Um cliente simples, quanto mais simples, melhor. Ingênuo e rico. Alguém como o sujeito do dia anterior. Ele tamborilou na mesa.

O problema era que, quanto mais ingênuo fosse o cliente, mais Dirk se sentia desonesto lá no fundo da sua boa índole, que vinha constantemente à tona para constrangê-lo nos momentos mais inapropriados. Dirk estava sempre ameaçando derrubar sua boa índole no chão e se ajoelhar com força sobre a sua traqueia, mas ela normalmente vencia disfarçando-se de culpa e autodepreciação, fazendo-o beijar a lona.

Ingênuo e rico. Só para Dirk poder pagar algumas, ou talvez só uma, das suas dívidas mais exorbitantes. Acendeu um cigarro. A fumaça subiu em espiral sob a luz da manhã, pairando junto ao teto.

Como o sujeito do dia anterior...

Ele se deteve.

O sujeito do dia anterior...

O mundo prendeu o fôlego.

Lentamente, sem alarde, ele foi invadido pela certeza de que, em algum lugar, algo pavoroso estava acontecendo. Alguma coisa estava muito errada.

Uma tragédia o rondava em silêncio, esperando que ele a notasse. Sentiu pontadas nos joelhos.

Por puro hábito, Dirk estava pensando que precisava de um cliente. Era o que sempre pensava àquela hora da manhã, mas se esquecera de um pequeno detalhe: ele já tinha um.

Olhou alucinadamente para o relógio – quase onze e meia. Balançou a cabeça para tentar silenciar o zumbido em seus ouvidos, então deu um salto histérico para apanhar o chapéu e o grande sobretudo de couro pendurados atrás da porta.

Quinze segundos depois, tinha saído de casa, cinco horas atrasado, mas indo a toda a velocidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br